

## DO QUE ERA MEU SEM NUNCA TER SIDO

Caroline Lana<sup>1</sup>

Sim... Todas as vezes que eu passava por aquela rua, sentia um frio interno, como se não pudesse entrar, e não pude entrar. E era tanto o frio que nem ousaria tentar. Então observei, e esperei, e esperei, em vão. Ninguém veio. O vento me observava, eu sei. E por mais que ele não acreditasse, eu não queria entrar sem vê-la. Mas só porque não importa o quanto eu gritasse ou por qual nome eu a chamasse, ela não iria responder, mesmo sabendo que lá eu estava.

Sabe, nem sempre a rua foi assim. Não... A rua era encantada. Eu sei, parece mesmo piegas, histórias pra que não deixem de acreditar que há seres encantados a nos rodear. Eu entrava já sorrindo, dei alô aos gigantes, gritei aos coelhos que corriam em volta do lago. E sua música, ah, havia vezes que só de sua beleza me fazia sentir meus olhos molhados. Mas eu prefiro acreditar que eram dos golfinhos espirrando água em mim. Porque não era possível tanta beleza em uma rua, um jardim só, uma música, um canto. Como alguém que já entrou nesse jardim conseguiu sair sem ao menos relutar ou sacrificar algo?

Por isso, nunca me senti no direito de estar lá. Então entrava às vezes, quando me era permitido. Mas eu não sabia e nem ela, que toda vez que eu entrava, ela entrava mais em mim do que eu nela. Algo que não existia algo inexplicável. E eu sabia que estava chegando à hora de eu devolver o que estava recebendo. Então subi aos céus, e fiz um pedido. E me foi concedido. Lá estava em minhas mãos, o mais lindo Lírio da terra. E dentro dele, minhas escolhas e meu destino. Sim, assumo não ter sido nada racional meu pedido. Mas as nuvens sempre entenderam um coração puro, quando sente, quando toca lhe concedem o que pede e lhe dão um Lírio - te desafio a me amar.

E lá fui eu, em direção a ela e seu bordado. Já havia escrito tantas juras, histórias, realidades, fantasias naquela árvore que não tinha como não a reconhecer. Como sempre, lá estava ela em seu toco de madeira. Quase nua, se levantou, e foi se aproximando de mim a conversar. Meu Deus, nem o rosto havia mostrado e em um só dia eu a via por inteiro e por incrível que pareça, não conseguia tirar meus olhos de seus olhos. A sintonia era tanta que minha primeira lágrima derramou de seu olho.

---

<sup>1</sup> Curso: Letras (Universidade Estadual de Goiás) – Primeiro ano. Anápolis – GO. E-mail: krol\_lana@hotmail.com

Chegando a dois passos de mim, ela parou. Olhou ao redor e viu o quanto sua rua era protegida e linda. Todos aqueles seres encantados ajoelhados aos seus pés, todo o laranja irradiado no lago refletia sua imagem. Ela se sentia segura. Já vira o mundo lá de fora, sabia como era. Pensou: não, não vale a pena. Insisti. Como insana, ergui minha mão e lhe dei o lírio. E foi tudo o que ela viu... Um simples lírio. Como todos os outros que já lhe havia sido oferecidos. Então ela se virou, foi até o tronco e se vestiu. Voltou desta vez sem voz. Não havia música, todos pararam inclusive as nuvens de se mexerem, silêncio... Abaixa-se, coloca o lírio no lago e solta... Sem saber que estava me deixando sem escolhas e sem que o destino pudesse voltar. Todos se ajoelharam, respeitando a decisão de sua rainha. Virei-me, sem olhar pra trás e me transformar em uma estátua de sal, e sai da rua.

E agora, ela está assim. Fria. E eu sei que o lírio está no lago congelado. Mas eu não tenho permissão de entrar e se entrasse, ver o lírio seco e congelado me cegaria. E eu prefiro continuar a ver, pra, quem sabe, um dia meus olhos encontrem, na mesma sintonia, na mesma música, na mesma árvore, seus olhos... E enfim, não só arrepiá-la, mas tocar sua alma.